

# Trabalhos de recuperação da Igreja de S. Lourenço de Lisboa



Teresa de Campos Coelho<sup>1</sup>  
Arquitecta

Situada no bairro da Mouraria de Lisboa, a meio da encosta na antiga linha de separação da cidade cristã e do arrabalde que D. Afonso Henriques destinou aos mouros vencidos, encontra-se a Igreja de S. Lourenço, cuja fundação recua, pelo menos, ao séc. XII. Do período gótico ficaram duas das cinco capelas que tinha a primitiva igreja, capelas essas postas a descoberto pelas campanhas de obras recentemente empreendidas. Separadas pelo que é hoje o corredor lateral de acesso à igreja (entrada do Largo da Rosa), terão sido bastante destruídas pelos sismos que abalaram a cidade, em especial o de 1531. Mais do que o de 1755, responsável pela queda de metade do tecto e de todo o coro, foi o abalo de 1531 aquele que maiores estragos produziu, como se pode inferir do pedido feito em 1611 a Filipe II por Lourenço Macedo de Fróis, Provedor das Capelas dos Orfãos, para que fossem executadas obras na igreja, em virtude de não se poder celebrar nela o ofício divino<sup>2</sup>. Foi então lançado

o dízimo sobre os moradores e os proprietários da freguesia, de modo a que se pudesse pagar os trabalhos necessários à sua reconstrução, no valor de 390\$00 para a *carpintaria*, e de 2.000 cruzados para a *pedraria*<sup>3</sup>. Parte desses trabalhos pode, ainda hoje, ser observada na capela-mor e nos arcos de embrechados existentes no interior da igreja, bem como nos que foram transferidos para uma ala do contíguo Palácio da Rosa, construído também nesse período. O palácio ligar-se-ia à igreja, então, através de uma tribuna aberta na parede norte num espaço que, pela sua volumetria, sugere ter aproveitado uma das capelas góticas. Os numerosos vestígios ainda existentes mostram-nos que foram, sem dúvida, importantes as obras empreendidas sob o domínio filipino.

Não menos importantes seriam os trabalhos do séc. XVIII, devidos não só à iniciativa de D. Tomás de Almeida (primeiro Patriarca de Lisboa, que teve aqui o seu primeiro cargo eclesiástico), mas também às já referidas campanhas empreendidas depois do sismo de

<sup>1</sup> Arquitecta Mestre em História da Arte, Assistente e membro do Centro de Estudos Históricos da Universidade Aberta, colaboradora do Gabinete Local da Mouraria da Câmara Municipal de Lisboa.

<sup>2</sup> A.N.T.T. - Chancelaria de Filipe II, Livro XXVIII, fl. 62v e fl. 40.

<sup>3</sup> *Ibidem*

1755 (concluídas em 1763) que confeririam à igreja o seu aspecto actual, revestindo as paredes da nave com azulejos historiados alusivos à vida de S. Lourenço.

Um século mais tarde, nova campanha de obras seria responsável por outras alterações de menor importância. Já neste século, as obras empreendidas pelo Marquês de Ponte do Lima em consequência da abertura da rua homónima, provocariam consideráveis transformações, em especial nos espaços anexos à igreja (agora ligados a uma nova ala do palácio construída a sul), e, subindo consideravelmente a cota da rua, o que implicou o desaparecimento da escadaria de acesso à porta principal da igreja, registada numa gravura de Gonzaga Pereira, em 1833<sup>4</sup>.

Em 1970 a família Castelo-Melhor venderia à Câmara Municipal de Lisboa o conjunto formado pela igreja e palácio.

Metodologia de intervenção Integrada na Área de Recuperação e Reconversão Urbanística do Gabinete Local da Mouraria a C.M.L. iniciaria, em 1989, os trabalhos para a recuperação da igreja, em virtude do elevado estado de degradação em que esta se encontrava. Inicialmente, estes tinham por objectivo, apenas, a sua consolidação estrutural, de acordo com as seguintes patologias detectadas:

- fendilhação acentuada das paredes mestras;
- desligamento da fachada principal;
- alvenarias com elevada percentagem de vazios;
- cantarias desniveladas e partidas;
- nós estruturais fragilizados;
- ataque de insectos xilófagos e de fungos nas madeiras.

Numa primeira fase, os trabalhos têm-se centrado nessa mesma consolidação, feita através da execução de micro-estacas (Fig.1), pregagem da fachada (Fig.2), injeções de

calda de cimento e cal nas paredes resinas hipóxidas nas cantarias. A convite da S.T.A.P. veio a Lisboa o Professor e Eng<sup>o</sup> Lizzi (responsável pela consolidação de importantes monumentos em Itália, tais como Ponte Vecchio em Florença, e o Templo de Ceres em Paestum, só para citar alguns) que, na própria obra, nos aconselhou sobre os métodos e técnicas a utilizar.

As sondagens realizadas - picagem de paredes e verificação do estado das fundações - implicaram a necessidade de intervenção de uma equipa de arqueólogos do I.P.P.A.R., que acompanharam todos os trabalhos desta primeira fase. Essas sondagens revelaram-se de primordial importância uma vez que, para além de nos terem dado algumas respostas a problemas de ordem técnica ajudaram-nos, também, a conhecer melhor a história do próprio edifício. Pudemos concluir, com efeito, que muitas das patologias existentes resultavam da coexistência de campanhas de obras e de materiais de épocas diferentes completando, na prática, alguns dos conhecimentos adquiridos através da investigação histórica.

As importantes descobertas então feitas, com especial relevo para as capelas de período gótico (Fig. 3 e 4), obrigaram à reformulação da proposta inicial de simples consolidação estrutural e de restauro, e à criação de uma equipa multidisciplinar que, ao acompanhar ininterruptamente todos os trabalhos, tem vindo sempre a confrontar-se com novas situações. Houve, assim, necessidade de adoptar uma metodologia que estabelecesse diferentes níveis de intervenção e que, apesar do confronto entre vestígios de períodos diferentes, mantivesse a unidade formal do edifício. Essa mesma metodologia obrigou a uma redefinição dos espaços e à adopção de diferentes níveis de intervenção (para o que é fundamental, do ponto de vista técnico e formal, a análise



Fig. 1 - Perfuração para micro-estacas



Fig. 2 - Pregagem da fachada

<sup>4</sup> In "Monumentos Sacros". Lisboa 1834





Fig. 3 - Desentulhamento e consolidação da capela gótica principal

atenta dos materiais), a que correspondem, também, zonas distintas de intervenção. Iniciar-se-á, assim, uma **segunda fase** dos trabalhos que terá por objectivo (Fig. 5):

1 - A par da consolidação das estruturas, o **restauro integral da igreja** (nave, capela-mor, baptistério, sacristia e tecto, de que faz parte, ainda, o restauro do altar-mor e altares laterais, azulejos, telas e imaginária). Para tal, foram analisados todos os materiais, nomeadamente os diferentes tipos de argamassas, para que os elementos agora utilizados tenham características semelhantes aos originais, de modo a evitar incompatibilidades que possam provocar novas patologias.

2- **Reformulação da área sul**, anteriormente ocupada pelas habitações do pároco e do guarda do palácio e que correspondem, actualmente, às capelas góticas descobertas durante os trabalhos. A evolução sofrida pela igreja ao longo dos séculos conduziu à transformação da igreja gótica com capelas laterais, numa igreja barroca e rocóco de nave única, tendo essas capelas sido adaptadas a serviços autónomos em relação à própria nave. Esta situação permitiu, por

sua vez, diferentes níveis de intervenção, evitando o ecletismo que resulta, na maior parte das vezes, da necessidade de coexistência de elementos de diferentes períodos (todos eles igualmente importantes) em espaços não diferenciados.

3 - **Reposição integral** de uma das capelas góticas (capela gótica principal), através do seu desentulhamento, e do refechamento dos vãos abertos no séc. XVIII.

4 - **Criação de uma área museológica** que integrará e articulará os espaços que, em virtude das suas características, já não sejam passíveis de um restauro integral, ou que não tenham grande valor patrimonial. Estão neste caso a segunda capela gótica (bastante destruída pelos vários sismos), a antiga casa do guarda e, no piso 3, a sala situada sobre as capelas góticas, que se destinarão a um espaço simultaneamente de apoio à igreja e de exposições. Esta área, além de integrar os vestígios arqueológicos já descobertos (e que venham a ser descobertos em futuras campanhas) integrará, ainda, uma exposição permanente com o historial do edifício.

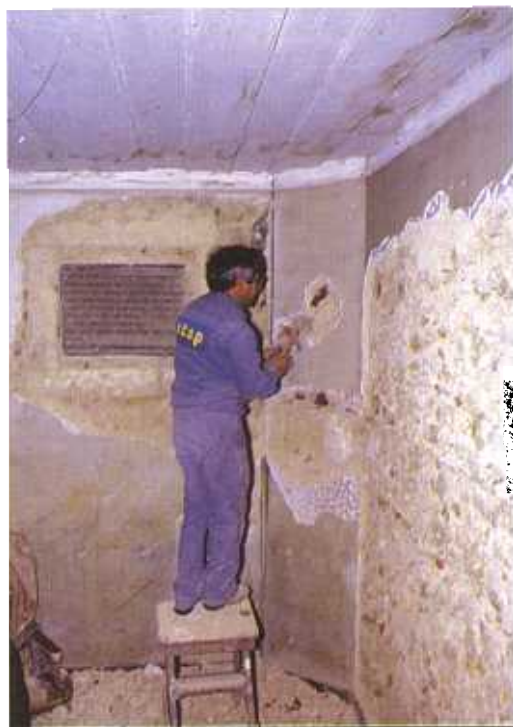


Fig. 4 - Picagem das paredes da segunda capela gótica

# Igreja de S. Lourenço

## FICHA TÉCNICA

**Direcção de obra:** Arq<sup>a</sup> Teresa de Campos Coelho.

**Fiscalização:** Arq<sup>a</sup> Teresa de Campos Coelho e Eng<sup>a</sup> Elizabeth Figueiredo

**Equipa projectista exterior:** Arq<sup>o</sup> Khol de Carvalho e Eng<sup>o</sup> Prada-Santos

**Fotografia:** Jorge Brilhante (Presidência da República)

**Consolidação:** S.T.A.P, OZ e Cimeira.

**Estudo dos materiais:** S.T.A.P e OZ.

**Restauro de azulejo:** Equipa do Museu da Cidade da C.M.L.

**Restauro de pintura:** Instituto José de Figueiredo.

### Investigação histórica:

- Arq<sup>a</sup> Teresa de Campos Coelho  
Arquitectura (Universidade Aberta e Gab. Local da Mouraria)

- Prof. Doutor José Custódio Vieira da Silva -Arquitectura Gótica (Dep. de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa)

- Prof. Doutor Vítor Serrão - Pintura (Dep. de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa)

- José Meco - Azulejaria (Instituto José de Figueiredo)

- Dr. Clementino Amaro  
Arqueologia (Instituto Português de Arqueologia)

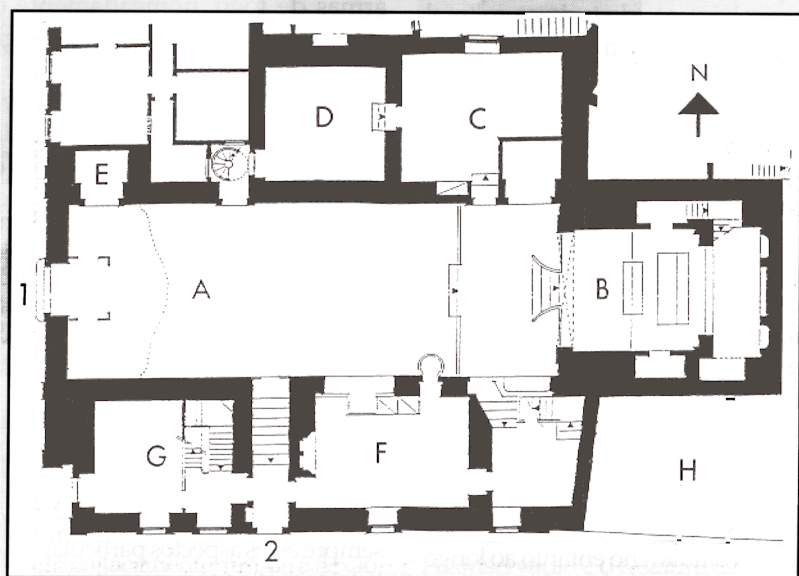


Fig. 5 - Planta da Igreja

1 - Entrada principal (Rua Marquês Ponte do Lima)

2 - Entrada secundária (Largo da Rosa)

A - Nave

B - Capela-mor

C - Sacristia

D - Sala de apoio à sacristia (piso 1)

Tribuna com ligação ao Palácio da Rosa (piso 2)

E - Baptistério

F - Sala de apoio à igreja (actualmente, segunda capela gótica)

G - Antiga habitação do pároco (actualmente, segunda capela gótica)

H - Antiga casa do guarda do palácio (área actualmente integrada no projecto da igreja)